

“Nenhuma condenação... em Cristo” (8:1-4)

Chegamos a “um dos capítulos mais importantes da Bíblia”¹, “um dos capítulos² mais conhecidos e amados” da Palavra: Romanos 8. Sair de Romanos 7 e entrar em Romanos 8 é como sair da escuridão para a luz, de uma tempestade violenta de inverno para um belo dia de primavera. O Livro de Romanos já foi comparado a um lindo anel, sendo que o capítulo 8 é o diamante do anel e o versículo 28, o brilho cintilante do diamante³.

Segundo o esboço que apresentamos (veja página 34), estamos passando para um novo tópico: “Glorificação”. As palavras “glória” e “glorificado” ocorrem quatro vezes neste capítulo:

...se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados (v. 17; grifo meu).

Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós (v. 18; grifo meu).

...a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus (v. 21; grifo meu).

E aos que destinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou (v. 30; grifo meu).

Tenhamos em mente, porém, que Paulo não concluiu abruptamente um tópico e depois come-

çou outro. O início do capítulo 8 é a continuidade de uma linha de raciocínio. Poderíamos pensar no assunto da santificação permeando os versículos 4, 13 e indo até o versículo 17. Paulo persistiu em incentivar os cristãos a viverem vidas santificadas (santas). Ao mesmo tempo, a partir do versículo 1, o apóstolo apresentou algumas das bênçãos gloriosas de que agora desfrutamos como cristãos, juntamente com as bênçãos que mais tarde receberemos na eternidade. Sendo assim, o termo “glorificação” pode ser precisamente aplicado ao capítulo inteiro.

Nesta lição comentaremos os quatro primeiros versículos de Romanos 8. Esta passagem completa a exposição sobre “lei” iniciada em 7:1 (veja 8:2, 3, 4). E também culmina o pensamento iniciado em 6:1 (ou talvez até 4:1) e apresenta vários temas significativos desenvolvidos ao longo do capítulo.

A PROMESSA DIVINA (8:1, 2)

Uma Bênção Não Merecida

Romanos 7:14–25 descreveu a luta de alguém tentando viver com perfeição debaixo de um sistema de lei/obras. Paulo expressou a futilidade desse empenho em 7:24: “Desventurado homem que sou! Quem me libertará do corpo desta morte?” Em 7:25 Paulo respondeu sua própria pergunta: “Graças a Deus [posso ser libertado] por [meio de] Jesus Cristo, nosso Senhor!” O capítulo 8 começa com “Agora, pois”; “pois” indica continuidade de raciocínio.

No versículo 1 Paulo disse: “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”. Essa promessa espetacular está repleta de expressões e palavras importantes. Primeiramente, vejamos a palavra chave “condenação”: “Agora, pois, já nenhuma condenação há...” O termo é a

¹Leon Morris, *The Epistle to the Romans*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1988, p. 299.

²John R. W. Stott, *A Mensagem de Romanos*. Trad. Silêda e Marcos D. S. Steuernagel. Série A Bíblia Fala Hoje. São Paulo: ABU Editora, 2001, p. 259.

³R. C. Bell; citado em J. D. Thomas, *Romans*, The Living Word series. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1965, p. 68.

tradução de *katakrima* (forma fortalecida de *krima*, “julgamento”). Leon Morris escreveu que se trata de um “termo forense que aqui inclui tanto a sentença como a execução da sentença”⁴. Neste versículo, “condenação” refere-se à condenação *espiritual*.

Não devemos menosprezar a pequena palavra “há”: “já não *há* condenação...” Esse verbo está no presente do indicativo, e não no futuro — uma bênção presente, e não uma promessa futura. Um julgamento futuro (*krima*) aguarda os ímpios (veja Lucas 20:47), mas, num sentido, os que rejeitam Jesus já estão julgados (veja João 3:18; de *krino*, “julgar”). Paulo estava contando aos cristãos a boa notícia de que, para eles, o julgamento fora cancelado! Coy Roper expressou isto com a seguinte analogia:

A sentença foi cancelada, revogada! Alguém já havia pagado a pena! Ouvimos as palavras: “Declarado culpado”. Estávamos sentados no corredor da morte, apenas esperando o dia fatal em que a sentença seria executada. Então, chegou a boa notícia: “Você está livre!” Já não somos condenados por nossos pecados.⁵

A seguir, analisemos uma das expressões favoritas de Paulo, “*em Cristo Jesus*”. Isto nos faz retroceder a Romanos 6:3, onde Paulo disse que “fomos batizados em Cristo Jesus”. F. F. Bruce escreveu:

“Em Cristo Jesus” (ou “em Cristo” ou “no Senhor”) é a descrição que Paulo faz da nova ordem na qual homens e mulheres são introduzidos pela fé em Cristo. O batismo cristão é batismo “em Cristo”. Pela união com Cristo pela fé, seu povo é visto como tendo morrido com Cristo, sepultado com Ele e ressuscitado com Ele.⁶

Finalmente, vejamos o advérbio “agora” que, na tradução para a língua portuguesa, aparece no início da frase: “Agora, pois, já não há condenação...” Em 7:14–25, Paulo se referiu ao passado — quando tentava guardar a lei confiando em suas próprias forças. *Naquele tempo*, ele estava condenado porque não conseguia guardar a lei com perfeição — mas isso mudou: Paulo creu em Cristo e foi batizado; ele

foi salvo pela graça de Deus. *Agora*, já não estava condenado.

O conjunto de todas essas palavras e expressões estabelece uma certeza a todo filho de Deus fiel: “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (8:1). Desta certeza nenhum de nós é merecedor, mas todos necessitamos dela!

Um Equilíbrio Tão Importante

Infelizmente, o versículo 1 — juntamente com outras passagens de Romanos 8 — tem sido mal aplicado para se ensinar que é impossível um filho de Deus perder a salvação. Quando os escritores calvinistas comentam Romanos 8:1, não é incomum dizerem que não há requisitos ou condições na afirmação de que o cristianismo é condenado. É sempre um erro tirar um versículo do contexto. Certa vez um homem que acreditava que um cristão nunca perde a salvação desafiou o evangelista Glen Pace, dizendo: “Disseram-se que o senhor acredita que *há* condenação em Cristo!” Sabendo que o homem se referia a Romanos 8:1, o irmão Glen disse: “O senhor não leu o suficiente. Continue lendo!”⁷

Na ERC a promessa de 8:1 é imediatamente seguida por esta condição: “que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito” (v. 1b). Essas palavras encontram-se nessa posição nos manuscritos mais antigos, mas na ERAB elas aparecem mais adiante, no versículo 4: “que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (v. 4b). O fato é que não falta em Romanos 8 termos qualificativos ou condicionais. Leia o capítulo inteiro observando a presença da partícula condicional “se”⁸. Por exemplo, veja o versículo 13: “...*se* viverdes segundo a carne, morrereis; mas, *se* pelo espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis” (*grifo meu*).

É preciso moderação para entender Romanos 8:1 corretamente. Não se deve forçar o versículo a dizer *mais* do que ele diz. O propósito de Paulo não era ensinar que um cristão nunca pode ser condenado, independentemente de como ele viva. Ao mesmo tempo, não devemos ousar fazer a passagem dizer *menos* do que ela diz. É uma passagem maravilhosa sobre a *segurança* de um cristão. Trata-se de uma *segurança condicional*; todavia, não deixa de ser *segurança*.

⁴Morris, p. 300; Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 2a. ed., rev. William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich. Chicago: University of Chicago Press, 1957, p. 413.

⁵Coy Roper, “More Than Conquerors”, *Truth for Today*. Agosto de 1988, p. 12.

⁶F. F. Bruce, *Romanos — Introdução e Comentário*. Trad. Odayr Olivetti. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão, 3a. ed., 1983, p. 129.

⁷Glen Pace, sermão pregado na igreja de Cristo Judsonia, Arkansas, 30 de março de 2003.

⁸Em algumas ocorrências em Romanos 8, “se” equivale a “visto que”; em muitos casos, porém, expressa simplesmente uma condição que precisa ser cumprida.

Em relação à segurança cristã, pelos menos três opiniões são sustentadas pelos comentaristas. A primeira chamaremos de “segurança incondicional”. Trata-se da doutrina popular de “impossibilidade de apostasia”. Ensina que um filho de Deus *não pode* perder a salvação. Douglas J. Moo salientou que “segurança sem responsabilidade gera passividade”. Ele comentou o caso de um líder de igreja que estava tendo relações sexuais extraconjugais. Durante o aconselhamento, o homem não demonstrou preocupação; considerava-se “eternamente seguro em Cristo”⁹. A Palavra de Deus *não* ensina “segurança incondicional”. O Senhor adverte o cristão a não cair da graça (2 Pedro 1:5–10), e explica o que ele deve fazer se isto acontecer (Atos 8:22, 23).

A segunda opinião denominamos “insegurança condicional”. Também pode ser chamada de doutrina da “probabilidade de apostasia”. Os que sustentam esse ponto de vista estão convictos de que um filho de Deus pode perder a salvação e provavelmente *perderá*. Existem irmãos entre nós que parecem crer nisso. Eles parecem pensar em Deus como um policial cósmico cuja preocupação prioritária é pegá-los em alguma infração da lei divina. Sentem pouca alegria na vida cristã. Apegam-se desesperadamente à esperança de que talvez, apenas talvez, sejam aceitos no céu.

Ao seu próprio modo, a “insegurança condicional” é tão errônea quanto a “segurança incondicional”. Nessa perspectiva, não há alegria no cristianismo e o trabalho feito para o Senhor é debilitado. Ela pode até contribuir para a perdição do indivíduo: é possível a pessoa ficar tão desanimada que desista de tentar viver como um cristão. Depois de Moo dizer que “segurança sem responsabilidade gera passividade”, ele acrescentou: “mas responsabilidade sem segurança leva a ansiedade”¹⁰. Paulo escreveu sobre um irmão que havia pecado e corria o risco de ser “consumido por excessiva tristeza” (2 Coríntios 2:7).

A terceira opinião, que acreditamos ser bíblica, denominamos “segurança condicional”. Ela ensina “a possibilidade de apostasia”, mas diz que um filho de Deus *não* perderá a salvação — se. O cristão está seguro *se* não “andar segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Romanos 8:4), “*se*, pelo Espírito, mortificar os feitos do corpo” (v. 13b; *grifo meu*).

⁹Douglas J. Moo, *Romans*, The NIV Application Commentary. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 2000, p. 258.

¹⁰Ibid.

Você acha que Deus está à procura de um motivo para condená-lo? Veja mais adiante o versículo 31: “Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?” Deus é “por” você! Ele está do seu lado! Ele está predisposto ao seu favor! Ele não está procurando um meio de condená-lo; Ele providenciou um meio de você não ser condenado!

Um cristão pode rejeitar o meio provido por Deus? Sim. Tornar-se um cristão não significa que o indivíduo deixou de ter livre arbítrio. Assim como é possível a pessoa vir a Cristo e ser salva, ela também pode desviar-se de Ele e perder a salvação. Não podemos imaginar por que alguém iria *querer* isso — mas também não entendemos por que as pessoas fazem determinadas coisas. As pessoas cometem atos insensatos todos os dias, incluindo rejeitar Aquele que as ama. Entretanto, isto não precisa acontecer com a *sua* vida. Enquanto o seu coração estiver fixo em Deus (veja v. 6), você poderá se sentir seguro. Esta palavra de incentivo foi escrita em seu benefício: “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (v. 1)!

Um Benefício Tão Essencial

Com *base* em que Paulo pôde dizer que “não há condenação para os que estão em Cristo”? Leia o versículo 2: “Porque [*gar*, que demonstra o motivo de] a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te¹¹ livrou da lei do pecado e da morte”.

No versículo 2, Paulo continuou a usar “lei” (*nomos*) num sentido secundário, significando “princípio” ou “tendência estabelecida”. O capítulo 7 termina com a idéia de que, enquanto Paulo confiou somente em suas próprias forças, ele estava condenado a servir “a lei do pecado” (7:25b). A irresistível inclinação da carne para o mal conduz a “morte” espiritual (veja 7:6, 24; 8:13), mas Paulo disse que ele (e outros) haviam sido *libertados* dessa “lei de pecado e de morte”¹².

O que libertou Paulo? “A lei do Espírito de vida”. “O Espírito de vida” é uma referência ao Espírito Santo: o Espírito de Deus que dá vida.

¹¹Muitos manuscritos antigos contêm “me” em Romanos 8:2 em vez de “te”. Isto relacionaria o versículo diretamente a 7:14–25.

¹²Alguns escritores expressam “a lei do pecado e da morte” desta forma: “Se você peca, você morre!” Uma série de eruditos consagrados acredita que “a lei do pecado e da morte” é a lei de Moisés. Parece melhor pensar nela como a “lei” operante em Paulo enquanto ele estava *debaixo* de um sistema de lei/obras.

- No princípio, o Espírito Santo participou do ato de trazer a vida física à existência (veja Gênesis 1:1, 2, 26; 2:7).
- O Espírito Santo inspirou “a palavra da vida” (Filipenses 2:16; veja 2 Pedro 1:21).
- O Espírito Santo foi uma força vital no dia de Pentecostes ao dar vida espiritual às pessoas (veja Atos 2:1–4, 33, 37, 38, 41).
- O Espírito Santo continua sendo um fator chave na nova vida em Cristo (veja Atos 2:38; 5:32; Romanos 8:6).

Somos assim apresentados ao Espírito Santo, o qual desempenha um papel proeminente em Romanos 8.

Qual é “a lei [*nomos*] do Espírito de vida” que nos liberta? Alguns acreditam que *nomos* (“lei”) é usado aqui num sentido primário e refere-se ao evangelho (ou ao Novo Testamento) revelado pelo Espírito¹³. Neste contexto, é provavelmente melhor continuar a interpretar *nomos* num sentido secundário. A passagem diz, com efeito, que a *inclinação do Espírito para o bem* nos liberta da irresistível *inclinação da carne para o mal*.

Ilustremos isto com a conhecida “lei da gravidade” — a força universal que nos ancora à terra e nos mantém girando no espaço. Mas também existe a “lei da aerodinâmica”, que tem a ver com o ar pairando debaixo de uma asa e produzindo um impulso para o alto quando um avião é movido para frente por seus motores. Não entendemos tudo a respeito dessa lei, mas sabemos que a aplicação dela possibilitou que se desenhasssem aviões que se elevam acima da terra e cruzam o céu. Num sentido, a lei da aerodinâmica libertou a humanidade da lei da gravidade.

Quando observamos um enorme avião aterrissando na pista de um aeroporto, da nossa perspectiva, ele parece se mover tão lentamente que é difícil entender como é transportado pelo ar. Ao mesmo tempo, admitimos que a lei da aerodinâmica está em atividade, possibilitando à aeronave desafiar a lei da gravidade.

Na última parte de Romanos 7, Paulo ilustrou a inclinação da carne para o mal como algo que ele não conseguia superar sozinho. Aqui, o apóstolo nos garantiu que a inclinação da carne para o mal pode coibida pela inclinação do Espírito para o bem;

Espírito esse que nos foi dado no batismo (Atos 2:38; 5:32).

Isto quer dizer que “a lei do pecado e da morte” deixou de existir quando fomos “libertados” pela “lei do Espírito da vida”? Pensemos mais uma vez na ilustração do avião. A lei da gravidade deixa de existir quando a lei da aerodinâmica liberta um avião da outra lei? Se um piloto desligasse os motores do avião, ele logo veria que a lei da gravidade ainda está realmente em vigor! Semelhantemente, ser liberto da inclinação para o mal não significa que ela deixa de existir. Ao contrário disso, significa que, para um cristão, ela já não é uma inclinação *irresistível*. O pecado já não tem o poder de nos consumir *contra a nossa vontade*. Com a ajuda do Espírito de Deus, podemos “mortificar os feitos do corpo [carne]” (8:13; veja 8:26a).

A PROVISÃO DIVINA (8:3)

Isto nos leva aos versículos 3 e 4, em que há duas ocorrências da palavra “lei” precedida pelo artigo definido “a”, indicando que o foco é a lei de Moisés. As declarações de Paulo aqui estão diretamente ligadas à exposição sobre a lei no capítulo 7. Esses versículos poderiam ser vistos como a conclusão da linha de raciocínio iniciada em 7:14–25.

O Que Era Impossível à Lei

Diz o versículo 3: “Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne...” (v. 3a). A lei era incapaz de libertar Paulo da lei do pecado e da morte¹⁴. Por quê? Porque estava “enferma pela carne”. Paulo não estava dizendo que a lei em si era fraca, pois ela fora dada por Deus. A matéria, porém, com a qual a lei tinha de operar — a carne — era fraca. A humanidade carnal — ou seja, as pessoas dependentes de seus próprios recursos — não conseguiam guardar a lei com perfeição. Por causa dessa enfermidade, ou fraqueza, a lei era incapaz de libertar a humanidade. Uma série de ilustrações podem ajudar:

- Um treinador experiente tentando transformar um grupo de crianças desinteressadas e distraídas em um time vitorioso.
- Um musicista famoso desafiado a formar uma banda com jovens que não possuem talento musical nem interesse por música.

¹³Stott, p. 261. Esta interpretação geralmente está vinculada à identificação da “lei do pecado e da morte” como a lei de Moisés.

¹⁴Se “a lei do pecado e da morte” era a lei de Moisés, então Paulo estava dizendo que a lei de Moisés não pôde libertá-lo da lei de Moisés — o que parece improvável.

- Um artesão profissional orientado a criar uma linda peça de mobília com pedaços de madeira apodrecida.

Nestas ilustrações, o erro não reside no treinador, no musicista, nem no artesão; pois cada um estaria tentando trabalhar com os recursos disponíveis. Semelhantemente, a lei era limitada pela “carne”. Isto quer dizer que havia algo de errado com a lei? Não. Nosso irmão Dave Miller questionou: “Você sai e dá um chute no seu carro porque ele não pode voar? Claro que não. Ele não foi projetado para voar. A lei de Moisés nunca foi projetada para remover pecados. Ela foi projetada para revelar o pecado, não para removê-lo”¹⁵.

O Que Era [e Foi] Possível a Deus

O que era *impossível* à lei, isso fez Deus. Era impossível à lei libertar as pessoas *por causa da carne*; Deus libertou as pessoas *usando a carne*. “Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado” (v. 3). Deus “obteve a vitória sobre o pecado no próprio domínio em que ela parecia imperar sem contestação: ‘na carne’”¹⁶.

Várias doutrinas básicas estão embutidas no versículo 3. Por exemplo, há uma referência à encarnação de Cristo: Deus mandou “o seu próprio Filho”¹⁷ em semelhança de carne pecaminosa” (v. 3b). A palavra traduzida por “semelhança” (*homoïoma*) vem de “igual” ou “mesmo” (*homo*). No texto grego, “carne pecaminosa” é literalmente “carne de pecado”. Sob a orientação do Espírito, cada um desses termos foi escolhido com cuidado. Bruce escreveu:

“Em semelhança de carne” é expressão que, isoladamente, seria docética¹⁸. A essência da mensagem apostólica é que o Filho de Deus veio “em carne”, e não meramente “em semelhança de carne”. Paulo podia ter dito simplesmente “em carne”, mas quis salientar que a carne humana foi a esfera em que o pecado conquistou um ponto de apoio e dominou a situação até aproximar-se a graça de Deus. Por isso não diz simplesmente

te “carne”, mas “carne pecaminosa” (“carne de pecado”). Mas dizer que o Filho de Deus veio “em carne pecaminosa” implicaria em que havia pecado nele, ao passo que (como o coloca Paulo em outro lugar), Ele “não conheceu pecado” (2 Coríntios 5:21). Daí é descrito como sendo enviado “em semelhança de carne pecaminosa”.¹⁹

Se tivéssemos tido a oportunidade de examinar a carne de Jesus, teríamos a encontrado exatamente como a carne em que você e eu habitamos²⁰ — a carne com sua inclinação para o mal. *Diferentemente* de nós (graças a Deus!), Jesus não sucumbiu a essa inclinação para o mal.

Deus não enviou meramente o Seu Filho ao mundo; Ele enviou-O “no tocante ao pecado”, ou seja, “como oferta pelo pecado” (v. 3c; NVI). A tradução da ERAB segue o texto original, que diz simplesmente *peri* (“em relação a”) *hamartia* (“pecado”). Todavia, a terminologia “oferta pelo pecado” foi usada no Antigo Testamento (a Septuaginta) com referência às ofertas pelo pecado (veja Salmos 40:6).

A expressão “oferta pelo pecado” evoca os animais mortos em sacrifício na época do Antigo Testamento. “A morte do animal sacrificado simbolizava a seriedade do pecado, assim como indicava a disposição de Deus em repassar o castigo pela transgressão da lei a outro... O que Deus simbolizou com um animal inocente, Ele cumpriu com o sangue inocente do Seu Filho”²¹. Era “impossível que o sangue de touros e de bodes removesse pecados” (Hebreus 10:4); mas o que era impossível a sangue de animais fazer, o sacrifício de Cristo que valeu por todas as vezes fez (Hebreus 10:10).

Analisemos o resultado: “condenou Deus, na carne, o pecado” (Romanos 8:3d). Charles Spurgeon alegrava-se com isto: “Deus encontrou um meio de condenar o pecado sem me condenar!”²² Paulo disse que Deus condenou o pecado “na carne”, mas questiona-se se Paulo se referia à carne de Jesus ou à nossa carne. Se ele se referia à *nossa* carne, então estava mostrando que a capacidade de Jesus em resistir à inclinação da carne para o mal condena todos os demais seres humanos porque nós sucumbimos a essa inclinação. O mais provável é que “carne” aqui signifique a carne de *Jesus*. Sendo assim, a palavra denota a condenação (julgamento) pelo pecado que

¹⁵Dave Miller, sermão apresentado no programa televisivo *Truth in Love*, Fort Worth, Texas, 2 de fevereiro de 2002.

¹⁶Moo, p. 249.

¹⁷“Não foi um mensageiro de longe que Deus enviou, mas o Filho que tinha um relacionamento único com Ele” (Morris, p. 302).

¹⁸“Docético” vem do grego *dokeo* (“parecer”). Docetismo era a crença gnóstica equivocada de que Jesus não tinha um corpo realmente humano, e que este só parecia ser carne.

¹⁹Bruce, p. 152.

²⁰McGuigan, p. 233.

²¹Bryan Chapell, *In the Grip of Grace*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1992, p. 23.

²²Charles Spurgeon, *Spurgeon's Commentary on Great Chapters of the Bible*, comp. Tom Carter. Grand Rapids, Mich.: Kregel Publications, 1998, p. 258.

Jesus carregou em Seu corpo carnal pendurado na cruz (1 Coríntios 15:3; 2 Coríntios 5:21). O fato de Cristo tornar-se carne foi uma parte indispensável do plano de Deus para a nossa redenção. Para dar-se a Si mesmo “em resgate” pela humanidade (1 Timóteo 2:6), Cristo teve de tornar-se humano. Para condenar o pecado na carne, Jesus teve de Se tornar carne.

Essa é a “provisão divina”. Como é maravilhoso que Deus “não poupou o Seu próprio Filho, antes, por todos nós O entregou” (Romanos 8:32)!

O PROPÓSITO DIVINO (8:4)

O Propósito Divino: Qual É?

O propósito desta notável provisão certamente foi nos salvar do pecado, mas foi mais do que isso. A mensagem de Paulo sobre essa provisão deve causar grande impacto em nossas *vidas*. Convém lembrar que estamos discorrendo acerca da *santificação*: a necessidade de viver de determinada maneira após sermos justificados. No versículo 4 Paulo revelou um motivo básico para Deus ter enviado Seu Filho: “a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito”. “Preceito” é a tradução de *dikaioma*, derivada de *dikai* (“justiça”), uma palavra recorrente em Romanos. O significado básico de *dikaioma* é “expressão concreta de justiça”²³.

Quando Paulo falou do “preceito da lei” se cumprindo em nós, o que ele quis dizer? Ele não tinha em vista obedecermos a todos os mandamentos da lei de Moisés, pois já havia dito que morremos para essa lei, tendo sido, portanto, libertos dela (veja 7:4, 6). Possivelmente, ele estava se referindo ao fato de que, quando cremos, Deus nos trata *como se* os preceitos da lei tivessem se cumprido em nós. Todavia, Paulo provavelmente tinha algo mais em mente.

Observemos dois fatos no texto. Primeiramente, no texto original a palavra “preceito” está no singular, e não no plural. Em segundo lugar, Paulo não falou do preceito sendo cumprido *por* nós, mas “*em*” (*en*) nós. Paulo provavelmente estava dizendo que a generosa provisão divina torna possível o cumprimento do propósito para o qual a lei foi dada em primeiro lugar²⁴. J. D. Thomas sugeriu que Paulo

tinha em mente “o propósito ou o objetivo para o qual a lei de Moisés apontava, mas esse propósito ou alvo jamais poderia ser alcançado debaixo unicamente desse tipo de programa”²⁵.

Qual *era* “o preceito da lei”; ela foi idealizada para cumprir o quê? Se usássemos a linguagem da santificação, poderíamos dizer que era santificar ou tornar santas as pessoas (veja Levítico 11:44, 45). Usando a terminologia de Paulo em Romanos 8, poderíamos dizer que era “agradar a Deus” (Romanos 8:8), andando (vivendo) conforme os ditames do Espírito (v. 4).

O Propósito Divino: Como Ele Se Cumpre

Como “o preceito da lei” se cumpre? Paulo disse que ele pode se cumprir em nós, “que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (v. 4). “Andar” refere-se ao modo como vivemos (veja 6:4). Um termo que, em algumas partes do mundo, expressa a mesma idéia que “estilo de vida”. Em 7:14–25, Paulo não queria “andar segundo a carne”, mas ele andava. Todavia, isso havia mudado: agora, ele era capaz de andar “segundo o Espírito” (v. 4c).

Em todo o capítulo 8 perpassa a costureira incerteza se “espírito” deve ou não ser grafado com inicial maiúscula e em que casos. São diversas as opiniões sobre isso entre os tradutores e comentaristas. No versículo 4, o uso de “espírito” (com inicial minúscula) seria uma referência ao viver num nível *espiritual*, e não *carnal*. Considerando a ênfase do capítulo na atuação do Espírito Santo, acreditamos que o melhor uso seja “Espírito” (com inicial maiúscula) — conforme a ERAB.

Andar “segundo o Espírito (Santo)” refere-se a fazer o que o Espírito Santo quer que façamos. Alguns alegam “falar segundo o Espírito”, mas o desafio de Paulo é “andar segundo o Espírito”. Numa futura lição, comentaremos *como* os cristãos de hoje são “guiados pelo Espírito” (v. 14). Por ora, observemos apenas que a única maneira *objetiva* de saber o que o Espírito quer que façamos é lendo e estudando o Livro por Ele inspirado — a Bíblia.

À medida que prosseguirmos no estudo de Romanos 8, veremos que Paulo enfatizou um propósito prático para a provisão divina. Deus espera que ajamos de determinado modo; devemos viver uma vida “andando-segundo-o-Espírito”. Debaxo de

²³W. E. Vine, Merrill F. Unger e William White Jr., *Dicionário Vine*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 7a. ed., 2007, p. 733.

²⁴Outra possível interpretação é que o versículo se refere à morte de Cristo como cumprimento da antiga aliança (An-

tigo Testamento) para que ela fosse revogada. Contudo, à luz do fim de Romanos 8:4, a interpretação dada acima parece encaixar-se melhor.

²⁵J. D. Thomas, *Romans*, The Living Word series. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1965, p. 56.

um sistema de lei/obras, isso não é possível (7:14–25); mas debaixo do sistema da graça/fé, é. Com a ajuda do Espírito de Deus, podemos ter vidas santificadas. Paulo, com efeito, insistiu que aquilo que *podemos* fazer, *devemos* fazer (veja 8:12, 13).

CONCLUSÃO

Você gostaria de deixar realmente o seu passado para trás? Gostaria de ser perdoado de todos os seus pecados? Essas oportunidades e mais outras estão incluídas na promessa apresentada no início de Romanos 8: “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (v. 1).

O que aprendemos até esta altura do capítulo 8 de Romanos? Debaixo da Lei e dependendo unicamente de suas próprias forças, Paulo era impotente contra a inclinação da carne para o mal; mas Deus enviou Jesus na carne para assumir o castigo pelos pecados de toda a humanidade. Por meio da fé em Jesus, somos “batizados em Cristo” (6:3), onde “já nenhuma condenação há” (8:1). Quando somos batizados, Deus nos dá Seu próprio Espírito (Atos 2:38; 5:32). Por meio do Espírito, podemos resistir à inclinação da carne para o mal. Se isto acontece automaticamente? Não, temos de nos comprometer a andar (viver) segundo o Espírito, não segundo a carne.

Como é magnífica a promessa do Senhor de que

“não há condenação”! O cumprimento dessa promessa só acontece àqueles que estão “em Cristo” e “andam... segundo o Espírito”. Ao encerrarmos esta lição, tenho duas perguntas para você. Você já foi batizado em Cristo? Se já foi, está andando (vivendo) como o Espírito deseja que você viva? Se não pode responder afirmativamente a essas duas perguntas, rogo que você cuide de suas necessidades espirituais para que as bênçãos e promessas de Romanos 8 sejam suas hoje mesmo!

NOTAS PARA PREGADORES E PROFESSORES

Esta lição abarca somente os primeiros quatro versículos de Romanos 8. Se quiser incluir mais versículos nesta lição, acrescente 5 a 8. Os principais subtópicos dessa lição poderiam ser: “Uma Segurança que não merecemos” (vv. 1–4) e “Alternativas que não podemos evitar” (vv. 5–8).

Se preferir estudar Romanos 8 como um todo, Coy Roper intitulou um sermão sobre todo esse capítulo de “Mais que vencedores”. Jay Lockhart sugeriu o título: “As bênçãos de estar em Cristo”. Se utilizar esta abordagem numa aula, você pode desafiar a classe a fazer uma lista das bênçãos encontradas no capítulo. Outro possível título para uma lição sobre o capítulo 8 seria: “A vida numa nova dimensão”.

© Copyright 2006, by A Verdade Para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS